

710468

KEY CLi 0605  
SIST. 59220

1

03a0140-48

1. Reinaldo Jhaura
2. Primeiro Caderno
3. Correio do Povo
4. Critica ao livro de Paulo Armando - MADRUGADA . DESSEPERO
5. Porto Alegre
6. 4 de novembro de 1948
7. nº 29
8. seção - Arte e Literatura
9. bem
10. Amélia Ester
11. 23 de março de 1994

PRIMEIRO CADERNO  
(Especial para o "Correio do Povo")  
Reinaldo Jhaura

Escrever é existir para os outros, na afirmação de T. S. Eliot, é quando se passa a existir para os outros, a reação em torno é uma esperança de confirmação ou um sistema de distância. Inconsciente ou não, todo escritor tem a sua mensagem embora se peça desculpas pelo termo de aparência tão pretenciosa mas não há outro tão exato.

Principalmente os poetas tem a sua mensagem. A maneira de sentir a beleza esparsa pelas coisas, o gesto de desmascarar as faces ocultas do universo, o estilo de captar os reflexos que nos vem do outro mundo. Um poema é uma interpretação pessoal. As palavras já estão gastas e não raro nos parecem inúteis por que não conseguem despertar

2020 20 131  
0602 1210

001010

os sentimentos de que deveriam se reverter, mas que  
ferderam

Primeira Caderno

2 Caderno do Poeta

4 Caderno de poemas - obra de Paulo Arraújo - 1988

5 Poeta Alagoas

6 4 de novembro de 1988

7 22 em

8 - seção de Arte e Literatura

9 1988

10 Caderno de Poeta

11 23 de março de 1988

Primeira Caderno

( "seção de Arte e Literatura" )

Primeira Caderno

do caderno é existir para existir, no afirmado de  
tudo o que se quer. E quando se quer a existência para se  
ter, a reação em forma de uma expressão de con-  
formação ou uma história de silêncio. Inconsciente  
ou não, todo escritor tem a sua mensagem embora  
seja sempre de alguma forma de alguma forma  
fornecer para não se dar a mão. E a mão  
Estruturalmente os gestos tem a sua mensagem.  
A mensagem de dentro a beleza aparece pela vida,  
o gesto de chamar a fazer o outro a fazer o mesmo  
o estilo de capta os reflexos que nos vem do outro  
mundo. Um poema é uma interpretação pessoal  
As palavras feitas para serem lidas e não para  
com intenção por que não tenham o objetivo

de tanto rolar pela literatura de todos os tempos. As palavras precisam de um renovo de vida, de um sopro de aurore, num tónico. Assim como andam já não podem servir a mensagem dos poetas, e então estes começam a inventar novas coisas parecidas com as palavras e a música: o vento da manhã, o silêncio da noite, e o clamor da solidão. Se inventar palavras às vezes é difícil porque os outros não sabem que se inventou uma coisa sonora e mágica para o mundo íntimo, uma coisa que não é deles e eles não podem entender, criar formas diferentes de equações verbais para velos conter o que se captou como fugitivo mistério, germen oculto, nuvem e momento sem par, é mais razoável porque os outros mais entendem, e às vezes até gostam porque encontram no poema uma ressonância de si mesmo, a replica que procuravam e que o poeta foi encontrar para eles. Porque o poeta existe para os outros, e escrever é existir para o mundo dos

outros, e o calor e a comunicabilidade do escritor está em encontrar nos outros o que ele mesmo possui como próprio e relativamente transmissível. Os outros, os que têm, às vezes se encontram diante de uma obrigação tremenda. Às vezes há a obrigação de dizer que se sentiu a coisa nova, o novo sopro que o poeta inventou para o poema, imprevisto que ele conseguiu com o outro lado da vida. O mundo das superfícies é este que vamos andando, que se estende pela cidade e pela vida, que vai até a porta da noite, flutuando sobre as cores e as formas sem nada mais. O que se deseja é entender o avesso disso tudo, os bastidores do espetáculo teatro nu na solidão, do abandono, com os seus fantasmas e as suas estranhas máscaras. Para conseguir atravessar a fronteira instável, é preciso inventar palavras, inventar um jeito diferente, uma cor nova para as orquídeas do poema, escamo-

tear estrelas como os olhos lagos.  
Gostive fazendo essas refle-  
xões depois de ler os poemas do  
livro de PAULO ARMANDO esse es-  
tranhão e alto MADRUGADA-DESES-  
PERO que o escritor acaba de  
publicar como sua primeira  
mensagem de poeta. Creio que  
a poesia nova no Brasil tem  
mais valor depois dessa pu-  
blicação pela serie e indis-  
tarcavel significação desse  
primeiro livro de poemas. Inu-  
til escolher palavras e colocá-  
las em fila diante do poeta,  
fazendo o seu elogio. Já a pa-  
lavra mensagem não me a-  
grada muito, e entretanto  
foi preciso usá-la. Depois,  
quando se tem por missão na  
vida escrever o que se costu-  
ma chamar critica, aí sim, a  
palavra conta, e é necessário.  
Meu caso não é esse.  
Apenas creio que os poetas gos-  
tam que se diga, principalmen-  
te de publico, que se compreen-  
deu a significação de suas  
paginaas. Habitualmente se foge  
de dar opiniões, tanto mais  
que estas de nada valem,

2020 130 132  
055 P2 T212

em definitivo para quem não acredite muito na missão dos comentários do gosto pessoal de cada um. Mas o caso de Paulo Drumando parece-me um pouco diferente. Creio que ele como esse MADRUGADA - DESESPERO acaba de revelar em definitivo uma excepcional capacidade de criador, diremos mesmo um poeta raro e que marcará sua passagem na literatura nacional com uma força nova e imprevisível.

Inventando sua maneira personalíssima de captar as coisas, sondando com um poder lírico inconfundível o universo misterioso que o rodeia, como a todos os poetas, ele consegue nos transmitir sua nova música, quase brotando do outro lado das coisas, que se como aquelas tentativas felizes dos surrealistas em seus raros momentos de real contato com as outras realidades, para além do mundo

rodeado de fronteiras, que é o mar do cotidiano.

Desejando expressar em definitivo o misterio que somos, toda literatura afimnal, é mera tentativa. Em todos os tempos, os poetas não fizeram mais que isso. To às vezes conseguiram qualquer coisa. Essa qualquer coisa, maior em uns, menor em outros, penetravel ou hermetica, que também Paulo Armando acabou de conseguir com este primeiro caderno de poemas.

- 1- Reinaldo Moura
- 2- Recorte
- 3- Correio do Povo
- 4- Uônica sobre a dualidade do ser
- 5- Porto Alegre
- 6- 11 de novembro de 1948
- 7- n.º 35
- 8- peca
- 9- Som
- 10- Amélia Ester
- 11- 24 de março de 1994

RELORTE

(Especial para o "Correio do Povo")